

Arqueologia

Reconstituição de culturas indígenas em Pernambuco

Fernanda d'Oliveira

Pesquisas arqueológicas no município do Brejo da Madre de Deus, Agreste, região da caatinga, dentro do semi-árido, a 195 quilômetros do Recife estão sendo desenvolvidas por um grupo de estudantes da Universidade Católica de Pernambuco, sob a coordenação da arqueóloga e jornalista Jeannette Lima. O trabalho, que teve início em setembro de 1982, objetiva, entre outros itens, o inventário dos sítios arqueológicos do município, sondagem estratigráfica em alguns deles para seleção de sítios para escavação, reconstituição de culturas indígenas, com base na análise de interpretação do material arqueológico resgatado em escavação, e é sustentado com recursos próprios da Unicap, contando, apenas, com a colaboração do Projeto Rondon.

"Nosso trabalho - explica a arqueóloga - pretende a seleção e indicação de sítios para inclusão em roteiros de um turismo organizado, especialmente os sítios de arte rupestre, após estudo; o fornecimento de subsídios técnicos e culturais para o estabelecimento de uma política de preservação e utilização turística de sítios arqueológicos do município; engajamento de estudantes de diversos cursos da Unicap nos procedimentos de uma pesquisa científica e interdisciplinar, ainda durante o seu período de graduação; e a colaboração, através de uma atividade acadêmica, com a programação oficial do Estado de Pernambuco, para desenvolvimento sócio-econômico do município de Brejo da Madre de Deus".

O plano oficial do Governo é o Plano Pernambucano de Turismo, elaborado pelo Condepe e Empetur, em 1978, para regulamentar a Lei de Proteção aos Bens de Valor Cultural e Material de Interesse Turístico no Brasil, Lei nº 6.513/77, que "con-

sidera, entre outros, os bens de valor arqueológico como de interesse turístico e recomenda a sua preservação e utilização para fins culturais e econômicos, uma vez integrados numa atividade turística organizada, capaz de promover o desenvolvimento sócio-econômico da região.

PESQUISA

Com pós-graduação e estágios no Rio de Janeiro, Jeannette Lima tem o apoio, para sua pesquisa, da Fundação Oswaldo Cruz, com o prof. Ulisses Confalonieri, para as análises de coprólitos (fezes ressequidas junto aos esqueletos) do Departamento de Biologia Animal e Vegetal do Rio de Janeiro, com a pesquisadora Lélia Duarte da Silva Santos, para a análise de amostra de flores, sementes perfuradas para contas de colar, cordas e fibras vegetais. Ela também recebe ajuda de Marília Carvalho de Melo, do Museu Nacional, que faz as análises antropométricas (medições dos esqueletos), para determinação dos biótipos, entre outros especialistas.

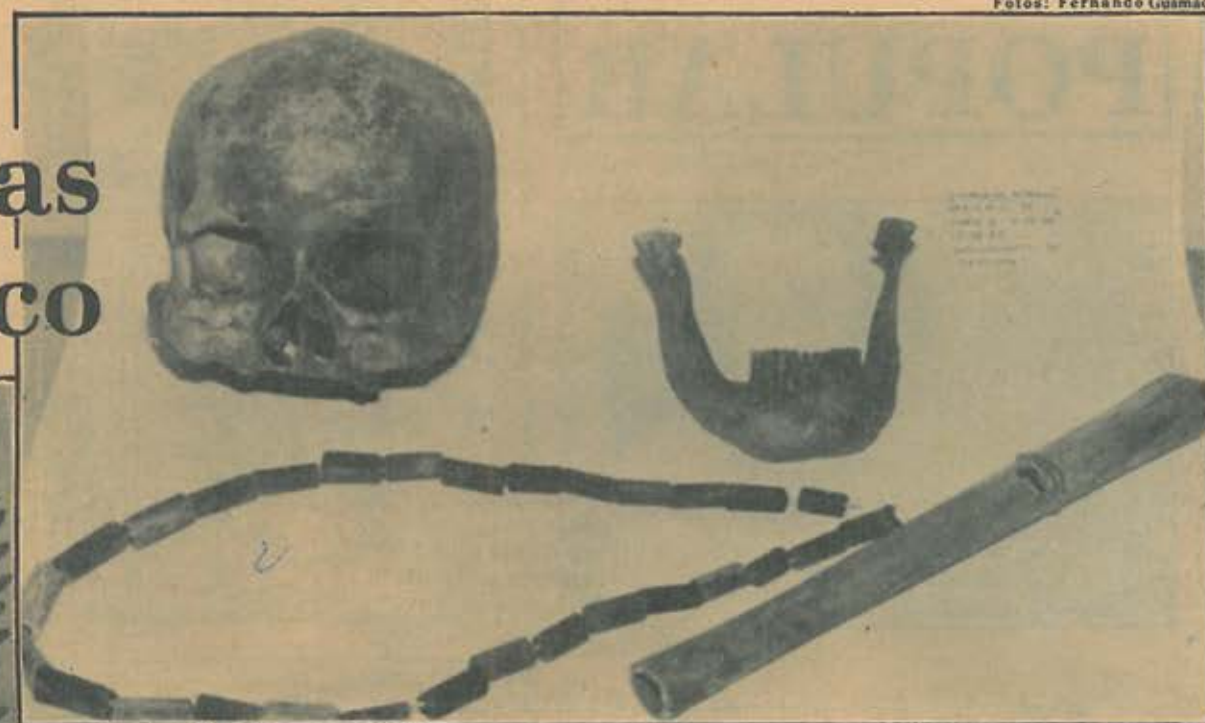
Até o momento, foi concluída a primeira etapa da pesquisa, o inventário, e isto já trouxe resultados surpreendentes, segundo a arqueóloga. "Já localizamos, copiamos em plástico, fotografamos e medimos os painéis das pinturas rupestres (nas rochas). Fizemos sondagem num só sítio, o de Furna do Estrago, a um quilômetro da cidade do Brejo, e este vem sendo escavado, pois só na sondagem revelou a existência de grande material arqueológico. Localizamos, também, uma ruína de pedras, no alto da Serra da Boa Vista, 1.195 metros de altitude, ponto culminante do maciço da Borborema, que são pedras superpostas sem argamassa, com a forma de uma pirâmide truncada (cortada), de base quadrada, com os vértices voltados para os pontos cardeais. As pesquisas, até agora, não levaram a



uma base segura sobre a origem da construção. Há hipótese de que seja um marco geográfico. Pode, também, ser uma construção indígena".

ESCAVAÇÕES

O trabalho é lento, minucioso e, até agora, foram escavados dezesseis metros quadrados, para que fosse tirado o máximo de informações para a compreensão do sítio de Furna do Estrago, que tem área total disponível para escavação de 76,60m². "Achamos cinquenta e três esqueletos humanos, que foram sepultados em posição fetal, envolvidos em esteiras ou depositados em fossas revestidas de fibras vegetais, cuidado-



Crânio e objetos indígenas encontrados em escavações em Brejo da Madre de Deus

Colares de ossos e de dentes de animais estão entre as descobertas do sítio de Furna do Estrago

samente dispostas, com presença de ocre (matéria corante) - ora em blocos, ora triturado - acompanhados os sepultamentos de colares confeccionados com os mais diversos tipos de pedra - amazonite, siltito giloso calcário - sementes, ossos de aves, dentes de animais e conchas."

Como curiosidade desta pesquisa, Jeannette Lima cita a descoberta de um sepultamento com flores ou de um dos esqueletos que trazia, entre os braços, uma flauta, feita de tibia humana. Ossos humanos também foram utilizados para fazer pingentes e espátulas. "Esse abrigo que agora estudamos, teve mais

de uma ocupação. A primeira deve ter começado em torno de nove mil anos atrás. Foi ocupação de um grupo caçador, coletor que habitou o sítio e nele deixou camadas sucessivas de cinzas, que correspondem a fogueiras continuamente alimentadas. Nessas cinzas, havia restos alimentares (ossos de pequenos animais, caramujos, sementes), além de lascas de sílex e quartzo utilizadas. O grupo abandonou o sítio em torno de cinco mil anos atrás ou um pouco antes, quando houve grandes transformações no clima, que se tornou mais úmido e mais quente, conhecido como altitermal."

A segunda ocupação fez da gruta um cemitério. Não residia lá, mas numa aldeia próxima. Era de caçadores, coletores com pequeno cultivo. Informa Jeannette Lima que essa ocupação pode ter, no máximo, cinco mil anos, e se estendeu até pouco antes da ocupação portuguesa na área. "A segunda ocupação sepultou seus mortos nas cinzas da primeira ocupação. Essas cinzas, numa reação química, podem ter contribuído para a conservação dos esqueletos, ao lado da aridez do ambiente." Sobre o material achado nas escavações, parte dele é inédita no Brasil. "com esse grau de conservação, em que grande porção de esteiras, fibras vegetais, cestarias, onde se pode ver a tecnologia usada na fabricação. Já foram encontrados vestígios e que só agora foram resgatados em quantidade e tamanho significativos. Esse tipo de preservação

caracteriza sítios arqueológicos de regiões desérticas".

EM ANDAMENTO

Essa pesquisa arqueológica, que não tem data prevista para conclusão, vem planejando sua segunda etapa, para dar continuidade aos trabalhos que ora vêm sendo desenvolvidos. "Não há prazo previsto para a conclusão - explica Jeannette Lima - pois o seu objetivo é o estudo abrangente da arqueologia de todo o município do Brejo. Será publicada na Revista Simpósio, editada pela Unicap, a primeira etapa da pesquisa, no final deste mês e, atualmente, a equipe está trabalhando em laboratório, limpando e preparando o material para as análises específicas, pois venho planejando uma exposição de parte do material arqueológico coletado na escavação de Furna do Estrago, que será feita no Centro Cultural da Unicap, em julho, durante o Festival de Inverno".

Paralelo a este trabalho, novas pesquisas serão realizadas pela equipe de Arqueologia da Unicap, na área de Parque das Estátuas, em Fazenda Nova, para localização e salvamento de fósseis de animais pleistocênicos (fauna extinta), cujos esqueletos serão montados em museu local. A pesquisa terá duração de quatro meses e será financiada pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, em convênio com a Empetur e a Unicap. A pesquisa paleontológica (e arqueológica) é etapa do Projeto do Distrito Eco-Turístico de Fazenda Nova